



**O CINEMA NA EMANCIPAÇÃO DO ALUNO:
da recepção à produção**

**EL CINE EN LA EMANCIPACIÓN ESTUDIANTIL:
desde la recepción hasta la producción**

**CINEMA IN STUDENT EMANCIPATION:
from reception to production**

Cleber Luis Damaceno¹

<https://orcid.org/0009-0003-0120-5737>

RESUMO

Este estudo tem como objetivo e a análise do processo cinematográfico na escola e ensina as práticas escolares a respeito da utilização das novas tecnologias audiovisuais nas aulas de arte em uma escola pública. O artigo demonstra que a prática de cinema na escola favorece as vivências dos alunos e a emancipação dos estudantes, com a proposta de um ensino reflexivo da prática pedagógica, despertando potencialidades dos alunos para o ato artístico e criativo com a mediação do professor de arte. A pesquisa qualitativa de base fenomenológica. Foi utilizada a forma de pesquisa-ação. O objeto de estudo é a confecção de filmes realizados pelos alunos na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema na escola, práticas escolares, novas tecnologias.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el proceso cinematográfico en la escuela y da lugar a prácticas escolares respecto del uso de las nuevas tecnologías audiovisuales en las clases de arte de una escuela pública. El artículo demuestra que la práctica del cine en la escuela favorece las vivencias y la emancipación de los estudiantes, con la propuesta de una enseñanza reflexiva de la práctica pedagógica, despertando las potencialidades de los estudiantes para el acto artístico y creativo con la mediación del profesor de arte. Investigación cualitativa con base fenomenológica. Se utilizó el formulario de Investigación Acción. El objeto de estudio es la realización de películas realizadas por estudiantes de la escuela.

PALABRAS CLAVE: Cine en la escuela, prácticas escolares, nuevas tecnologías.

ABSTRACT

¹ Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – PROFARTES (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisa concluída em 2023. Pós-Graduação em Artes, Orientador Prof^o Dr^o Renato Palumbo Dória. Bolsa Capes. Graduado em Artes Plásticas. Professor Efetivo de Arte do Estado de São Paulo na cidade de Franca-SP.

This study aims to analyze the cinematographic process at school and gives rise to school practices regarding the use of new audiovisual technologies in art classes in a public school. The article demonstrates that the practice of cinema at school favors students' experiences and the emancipation of students, with the proposal of a reflective teaching of pedagogical practice, awakening students' potential for the artistic and creative act with the mediation of the art teacher. Qualitative research with a phenomenological basis. The Action Research form was used. The object of study is the making of films made by students at school.

KEYWORDS: Movie at school, school practices, new technologies.

INTRODUÇÃO

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.
(FREIRE, 2019, p 92).

Este artigo foi fundamentado na experiência de uma abordagem concreta da prática docente sobre as produções cinematográficas realizadas pelos alunos de duas salas de 8º anos da Escola Estadual Torquato Caleiro, uma escola pública na cidade de Franca interior de São Paulo. O artigo é um recorte da pesquisa intitulada “O cinema na emancipação do aluno: da recepção à produção, desenvolvidas a partir do método de pesquisa-ação nas aulas de arte, desenvolvida no Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), na Universidade Federal de Uberlândia, entre os anos 2022 e 2023.

A ideia central desse artigo não é demonstrar e analisar a recepção e a produção audiovisual realizadas pelos estudantes utilizando o telefone celular como ferramenta pedagógica, mas que os conceitos apresentados sirvam de instrumento de reflexão sobre o cinema e educação, portanto o resultado das práticas fílmicas desenvolvidas pelos alunos não serão o foco deste artigo.

Nos últimos anos, acompanhamos um enorme avanço de recursos tecnológicos, aumentando a disponibilidade de uma variedade de aplicativos que permitem melhores formas de gravação de vídeos e edição. Vale ressaltar que no percurso da pesquisa encontramos muitos estudos acadêmicos sobre a prática de cinema e educação, e consequentemente a utilização pedagógica desses recursos audiovisuais dentro das escolas públicas, porém, todo esse conhecimento ainda é pouco explorado e acontece de forma tímida no universo real e prático das escolas. É necessário que todo conhecimento explorado pelas pesquisas acadêmicas ultrapasse os muros das universidades e chegue às escolas de uma maneira efetiva.

De acordo com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2017), a formação integral como meta da Educação Básica Brasileira, a qual preconiza a visão plural, singular e integral do aluno – considerando-os como sujeitos da aprendizagem – capaz de promover uma educação voltada ao reconhecimento e desenvolvimento pleno do indivíduo, contemplado em suas singularidades e diversidades.

Durante a pesquisa, ao analisarmos os motivos que podem, de alguma forma dificultar que a prática de cinema aconteça dentro da escola, percebemos que muitos professores ainda possuem alguma dificuldade com o domínio da tecnologia e os meios digitais e a aula de cinema está diretamente ligada a tecnologia. Um dos caminhos demonstrados durante a pesquisa é que os professores podem e devem aproveitar todo o conhecimento e familiaridade dos alunos com as mídias digitais e a tecnologia. É uma forma de ampliar o alcance das artes visuais também para o audiovisual, que são modalidades artísticas comuns aos estudantes desta geração.

A conectividade digital mudou as formas com que as pessoas se relacionam na atualidade e a internet é a grande responsável pela mudança de comportamento das pessoas. Portanto, diante da crescente demanda da utilização das mídias digitais, em uma realidade contemporânea atravessada pela digitalização das relações e mediado pelas tecnologias, é necessário também atualizar e agregar ao processo de aprendizagem da escola novas formas de interação artística, aproveitando que os discentes já crescem inseridos na cultura digital, enquanto os docentes, que sentem a necessidade de se atualizarem e de se familiarizarem com a contemporaneidade da sociedade, que já se reflete na escola, segundo os estudos de Fernandes (2015).

A sala de aula é um reflexo da sociedade, não sendo mais possível manter os estudantes do ensino público alheios a utilização de imagens e formas tecnológicas e midiáticas de uma educação contemporânea.

O cinema sempre esteve presente nas escolas, mas é quase sempre utilizado de maneira apenas ilustrativa e de apoio às disciplinas, assim, é necessário pensar no cinema não apenas como uma ferramenta de auxílio no ensino, como é comum nas escolas, reduzida a sua função instrumental de apoio a diversas disciplinas, porém como instrumento ideal no campo da aprendizagem significativa, que possibilita ao aluno transitar da postura de receptor à de enunciador/produtor de arte.

Projeta-se que o formato envolvente e imersivo da linguagem fílmica pode ser benéfico no despertar do interesse no aprendizado dos alunos, conforme proposto por Michaud (2013), considerando-se que estes estarão expostos não apenas ao resultado dessa linguagem – como audiência do cinema –, mas também aos processos de produção dessa Arte. A intenção do projeto de

cinema na escola não pretende apenas formar um público para o cinema, como também sujeitos aptos para a vida em todos os sentidos.

Ao problematizarmos o papel da escola frente os meios de comunicação e as tecnologias da informação no contexto atual, reafirmamos a necessidade de promover a interação da escola com os processos comunicacionais contemporâneos como mecanismo de transformação da realidade.

Espera-se que as práticas desenvolvidas despertem nos alunos o prazer e o interesse pela arte de forma significativa, propiciando o desenvolvimento construtivo na prática de leituras cinematográficas e de confecção de filmes.

Este artigo procura enfatizar a importância de se aprofundarem discussões acerca de metodologias que possam utilizar de forma pedagógica as reproduções e criação de filmes, ou seja, o uso significativo da linguagem audiovisual e das tecnologias que a ensinam, de modo que o cinema não seja apenas um pretexto metodológico, mas que propicie o aprendizado artístico em si, embora a expressão audiovisual pelos estudantes não deva ser restrita apenas às aulas de arte, mas que seja uma expressão que possa ser utilizada também por outras disciplinas.

O objetivo específico da proposta de prática pedagógica apresentada neste artigo dialoga com as ideias propostas pela Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, que apresenta concepções de práticas pedagógicas que constroem a autonomia dos estudantes. Assim espera-se que as práticas cinematográficas desenvolvidas em sala de aula despertem nos alunos o prazer e o interesse pela arte de uma forma autônoma, desenvolvendo de forma construtiva a leitura fílmica e a confecção de filmes no ambiente escolar, que valorize e respeite a cultura dos alunos e os conhecimentos já vividos atrelados a sua individualidade.

Buscamos, através do estímulo ao aluno pela prática audiovisual, fazê-lo pensar, aprender e se comunicar por outra perspectiva.

Respeitar a leitura de mundo do educando significa toma-lo como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história aperfeiçoada, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. (FREIRE, 2019, p 120).

Outro fator que contribui para que os alunos participem ativamente das aulas de cinema de uma maneira positiva é o fato de que a linguagem audiovisual é comum a essa geração de estudantes, faz parte do cotidiano da maioria dos alunos por tempo significativo, facilitando tanto a apresentação quanto o desenvolvimento de uma proposta audiovisual.

Durante a pesquisa buscamos, ainda, refletir sobre as práticas em sala de aula referentes à utilização e criação de filmes, a partir dos resultados obtidos com os métodos propostos, que tangem o desenvolvimento progressivo e autônomo dos alunos.

Quando pensamos na iniciativa audiovisual dentro das escolas também apresentamos e refletimos sobre o conceito de Letramento Visual, que é a capacidade de ler e entender as imagens, assim como ocorre com a leitura verbal também desenvolvemos a capacidade de ler imagens. É nítido todo respaldo acadêmico no âmbito da linguística textual e na literatura, porém textos não verbais ou audiovisuais não têm todo esse prestígio no universo da escola tradicional. A cultura da imagem faz parte das relações sociais contemporâneas, pois diariamente somos bombardeados por uma infinidade de imagens e símbolos.

Um exemplo da importância do desenvolvimento do conceito de Letramento Visual a partir das aulas de cinema, é que durante os debates ocorridos durante o percurso da pesquisa sobre o tema representatividade na mídia, muitos alunos relataram que não se sentem representados, pois por muitas vezes as imagens utilizadas pela mídia tradicional para representar pessoas de escolas públicas, periféricas, quase sempre mostram esses grupos de pessoas como sujeitos excluídos, que a mídia quase sempre repete padrões e formas estereotipadas e marginalizadas, ligadas a pobreza, violência e fracassos, que não é a realidade da maioria dessas pessoas, por isso a importância da proposta de orientar os alunos a entenderem, conceituarem e lerem essas imagens, para que a escola pública e seus alunos produzam suas próprias narrativas, a partir do ponto de vista da experiência e visão do próprio aluno.

A escola tradicional foi fundamentada na linguagem escrita e carece de teórico e prático sobre o cinema, de como pensar e produzir arte audiovisual. As linguagens audiovisual e escrita não são contrastantes, são apenas formas diferentes de se apresentar uma narrativa, sendo códigos que se complementam. É um erro acreditar que o vídeo veio para substituir a escrita, uma vez que a produção cinematográfica depende de habilidades e repertório proporcionados pela leitura e escrita. A linguagem audiovisual é predominante na nossa realidade atual, tanto pela televisão, pelo cinema, ou até pelo fenômeno *TIKTOK*², por exemplo.

O CINEMA NA ESCOLA

² O *TikTok* é uma plataforma onde as pessoas podem assistir ou criar conteúdo de vídeos. O aplicativo oferece diversas ferramentas de edição e ganhou destaque em 2019, principalmente entre os jovens, por causa das danças e desafios.

Se fazemos aqui um esforço para pensarmos e efetivarmos o cinema na escola, não se trata de defender uma diferença de natureza em relação às outras artes ou relação a outros meios de expressão que daria ao cinema o direito de estar em sala de aula, na escola. (MIGLIORIN & PIPANO, 2019, p. 35)

O cinema produzido dentro da escola ainda está distante da realidade cotidiana da maioria dos estudantes no ensino público. O currículo de arte não foi pensado para o conhecimento audiovisual, de modo que permanece dentro de um antigo sistema.

Os estudos do francês Alain Bergala - responsável pela implementação do cinema nas escolas francesas - aos poucos, chegaram ao Brasil e passaram a ser uma referência no assunto cinema e educação para pesquisas, aumentando a relevância do estudo teórico e pragmático diante da possibilidade da utilização pedagógica do cinema no ambiente escolar, fazem-se essenciais, ao afirmar a necessidade dos professores de arte a busca por novas formas de ensino da arte que esteja além do currículo tradicional:

[...]a arte não pode depender unicamente do ensino, no sentido tradicional de disciplina inscrita no programa e na grade curricular dos alunos, sob a responsabilidade de um professor especializado recrutado por concurso, ser amputado de uma dimensão essencial (BERGALA, 2008, p. 29).

São inúmeros os benefícios proporcionados pelo cinema e educação, mas talvez as principais características do cinema escolar sejam a inclusão e a coletividade, pois propõe uma relação interdisciplinar entre os diversos componentes curriculares e os diversos perfis de alunos que compõe uma produção audiovisual.

A escola é, por excelência, o espaço político onde se desenvolve o pensamento crítico do aluno, assim, aliamos essa ideia fundamental aos processos de criação cinematográfica realizados pelos próprios estudantes. A arte é o maior instrumento de criação humana e o cinema uma linguagem em que essa criação tem a possibilidade de atingir ainda mais pessoas com sua mensagem direta e contemporânea, onde une entretenimento e aprendizado no formato de uma narrativa acessível e que faz parte do cotidiano dos alunos, que merece ser construída e problematizada em sala de aula. Ao problematizar as narrativas dos roteiros criados pelos alunos, incentivamos os estudantes a analisar, refletir e questionar sobre as representações apresentadas nos filmes. Isso desenvolve a capacidade de habilidades do pensamento crítico levando os alunos a explorar diferentes perspectivas dentro das narrativas fílmicas.

Bergala (2008) nos assinala que o cinema é questão de criação, não de transmissão de um saber audiovisual ou artístico. A arte não se ensina, experimenta-se. A experiência deve ser nova para

o professor e para o aluno, enfatiza ainda Bergala. É pela experiência que o professor deve sair do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos (MIGLIORIN e PIPANO, 2019, p.37).

Embora este artigo discorra sobre o cinema na escola sob uma perspectiva dos professores de arte, as produções audiovisuais dentro das escolas não precisam necessariamente ser atreladas apenas a disciplina de arte, essa linguagem pode ser utilizada por qualquer componente curricular.

Outra potencialidade da prática cinematográfica no ambiente escolar é proporcionar a ocupação dos espaços da escola, uma vez que é necessário que alunos saiam da organização tradicional da sala de aula, transformando e provocando o olhar e a percepção do aluno, criando um sentimento de pertencimento sobre aquele espaço escolar.

Ademais, analisamos a recepção desta linguagem pelos alunos - como instrumento de reflexão sobre a arte e sobre a realidade - e, principalmente, propiciamos situações de produção cinematográfica em que o aluno a partir de vivências lúdicas e direcionadas seja protagonista do seu processo educacional, utilizando da linguagem audiovisual para expressar o seu ponto de vista sobre o mundo, redefinindo o lugar e o papel não apenas das tecnologias na sala de aula, mas também da arte.

Alain Bergala (2008) propõe o termo “pedagogia da criação”, pois pressupõe que o estudo de cinema na escola já propõe o exercício de criação. Assim, é importante trazer e proporcionar a produção cinematográfica dentro da escola, inserindo-a no currículo escolar. Para que os conhecimentos sobre produção cinematográfica possam ultrapassar a esfera instrumental, a experiência de cinema na escola precisa estar pautada no fazer, no criar, no experimento por parte dos alunos.

De acordo com Cesar Migliorin e Isaac Pipano, ao assumirmos que o ensino de cinema acontece, sem uma centralidade que lhe guie, não nos separamos dos paradoxos inerentes às práticas, cujo desafio na relação ensino-aprendizagem demanda invenção. Colocado de outra maneira: não há ensino de cinema que também não seja em si um processo de emancipação.

Quando se pensa em emancipação do aluno a partir da aula de cinema, não se quer dizer que é o professor que vai indicar esse caminho para o estudante. A ideia é que, com a própria prática fílmica de trabalho coletivo, e principalmente nos debates e reflexões sobre temas pertinentes a adolescência, surjam caminhos para essa emancipação, objetivando-se que o aluno não receba todas as informações na escola de forma passiva. Ainda segundo os autores:

Falar em emancipação demanda a urgência de um realinhamento da noção para que não a entendamos como um processo que supõe dois sujeitos, o emancipado e ao emancipar.

Emancipar não é tarefa de um mestre que indica o caminho à aqueles que não tem luz. Sem essa divisão, a situação de criação no ambiente educacional demanda do mestre e das propostas colocadas em prática um gesto de abertura ao que pertence aos alunos e à multiplicidade de mundos trazidos por eles. Ou seja, antes de um lugar de hierarquia entre aquele que sabe e o que não sabe, a emancipação demanda um estado de criação e montagem entre os diversos atores envolvidos em uma produção criativo pedagógico. (MIGLIORIN & PIPANO, 2019, p. 70)

Considerando, portanto, que não se emancipa o aluno, essa emancipação ocorrerá a partir de práticas que proporcionem a ele sair do lugar de apenas receptor do conhecimento e passar a pensar e a criar de acordo com sua vontade, de acordo com o pensamento de Migliorin e Pipano. O cinema é um relacionar-se com o mundo que mais interroga, vê e ouve do que explica. (MIGLIORIN e PIPANO, 2019, p. 37). Para completar este entendimento, nas palavras dos autores:

O cinema na escola é assim menos um problema de migração do cinema para outro espaço do que uma operação no interior do tempo e do espaço da escola. Explicitamos tal princípio por entender que quando o cinema chega na escola o que ele traz - com sua história, com os filmes - é antes um modo de tornar o mundo pensável do que não é cinema: nós mesmos, a escola. Ele traz um modo de fazer as relações entre imagens, sujeitos, discursos, objetos, narrativas que transfiguram, por assim dizer, outros espaços e relações; no caso, a escola. Antes de apresentar conteúdos, as possibilidades discursivas e sensíveis, o modo de ser-mundo do cinema provoca, intensifica e potencializa tudo o que atravessa a escola. (MIGLIORIN e PIPANO, 2019, p.46).

O ensino de cinema na escola nos provoca a reflexão necessária sobre a utilização das tecnologias em relação com seus componentes sociais e os modos como processos subjetivos estão a elas atrelados. Produzir cinema dentro do espaço escolar ajuda a escola a encontrar e produzir a sua própria cultura.

Os filmes são um nó da própria máquina e a ela retornam, uma vez que no ambiente pedagógico, é no retorno – ver junto, pensar e ser afetado pelo que fizemos – que parte importante do conhecimento se efetiva. (MIGLIORIN e PIPANO, 2019, p.78)

Como a proposta de produção cinematográfica envolve o uso de tecnologias, utilizamos o conceito da **Abordagem Triangular** Digital, que é uma proposição derivativa da Abordagem Triangular, que a própria Ana Mae Barbosa utiliza, pois é uma abordagem em processo, contínua, que está em movimento, dialogando com o tempo e por essa razão é orgânica.

De acordo com Barbosa, “A consciência da tecnologia e da arte para a educação da recepção das artes tecnológicas é o que deveríamos procurar devolver para ver um público crítico e informado” (Barbosa, 2008 p. 110).

A Abordagem Triangular nasceu com a intenção que os alunos vivenciassem situações problematizadoras: a cada etapa surge um problema diferente e que os alunos, em grupo, precisam resolver de forma coletiva.

Os autores citados no texto são o alicerce do pensamento e da prática pedagógica apresentados aqui, além disso, a Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, aborda os saberes necessários para a prática educativa, que estabelece possibilidades e condições de educar com respeito, sem prescrições ou regras a seguir, reunindo experiências e métodos fundamentados na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. Para essa formação, é indispensável que o professor oportunize ao aluno um objetivo a ser traçado em busca do conhecimento, assim, eles terão qualidades críticas e serão capazes de desenvolver sua criatividade:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2019, p. 105).

De acordo com Bergala (2008), se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para os quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum. O estudioso ainda discorre sobre o processo cinematográfico francês e, em dado momento, cita que o cinema na França foi, por muito tempo, considerado como linguagem, e uma observação importante para nossa reflexão aqui é sobre o medo de os professores em trabalhar com o cinema, uma linguagem para a qual não foram formados, uma vez que a escola privilegiou sistemas de comunicação tradicionais, como a literatura, por exemplo.

Partimos da ideia e encorajamento da experiência artística, da proposta de mediação do professor, pesquisa, trabalho coletivo e educação e aprendizado mútuo. O mais importante dentro desta proposta não é o produto final, o filme em si, mas na trajetória da produção cinematográfica, do trabalho coletivo em todas as fases da aula, desde a teoria até a prática, principalmente na descoberta e na reflexão sobre a arte que se produziu, na mensagem que os alunos procuraram passar. Bergala discorre sobre a experiência e a finalidade de mostrar o filme como produto final de todo cineasta:

No entanto, fazer um objeto-filme mostrável é a finalidade de todo cineasta, por menos que ele se inscreva num sistema de produção e por mais modesto que seja. A escola, se pretende ser um espaço de troca e socialização, de assumir a finalidade de “mostrar” o que se fez. Uma vez posto esse princípio, todos os perigos começam. O maior deles é transformar a apresentação na própria finalidade de uma prática de criação em sala de aula, desviando-a assim, de sua verdadeira razão de ser. Em situação escolar, o objetivo primeiro da realização

não é o filme realizado como objeto-filme, como “produto”, mas a experiência insubstituível de um ato, mesmo modesto, de criação. (BERGALA, 2008, 172- 3).

O cinema na escola é uma atividade coletiva, em que todos os alunos podem e devem opinar trabalhando de forma cooperativa e complementar. Ainda que se respeite a divisão de funções, um aluno tímido dificilmente será o ator, mas sua atuação terá igual relevância em atividade inerente à produção, de modo que nenhum integrante do grupo terá importância menor diante da confecção do filme.

Quando pensamos na inserção dos alunos de escolas públicas a uma aula de produção audiovisual, precisamos pensar também pelo aspecto social, a difusão e o do domínio dessas tecnologias como estratégia de fazer parte de uma política de igualdade, propiciando aos indivíduos meios para se amenizar as consequências devastadoras que o processo de transformação econômica provoca e tentar diminuir o imenso abismo entre a educação pública e a educação privada. Nesse sentido, é preciso que o entendimento e fortalecimento do trabalho da comunidade escolar decorrente da aplicação dessas tecnologias não resulte somente em vantagens econômicas, mas sim que constitua em uma ferramenta de igualdade social.

Por essa razão, acreditamos que a interação e a cooperação resultantes da aplicação das TICs³ devem contribuir para a igualdade aperfeiçoando as formas de convívio social. E, para tanto, é necessário, que se assegure o acesso a elas a um número cada vez mais crescente de indivíduos e grupos sociais, na perspectiva da igualdade.

Moran (2000) afirma que ensinar é um processo social e também um processo pessoal, pois cada pessoa desenvolve um estilo, um caminho, dentro do que está previsto para a maioria. A sociedade ensina. As instituições aprendem e ensinam. Os professores aprendem e ensinam.

A sociedade passou rapidamente dos livros para a cultura da televisão (vídeo) e, agora, vive outra mudança, da televisão para os computadores, sem tempo para explorar e pensar sobre tudo o que essas mudanças desencadeiam.

Moran (2000) acredita que os vídeos estão ligados diretamente ao entretenimento e ao lazer, associados à televisão e esta forma seria de suma importância dentro de sala de aula. Para os alunos, vídeos na escola significam uma pausa, um descanso e não “aula”, o que modifica a postura e as

3 As Novas tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são definidas como um conjunto de tecnologias que permitem o acesso, a produção e a difusão de informações que permitem a comunicação entre as pessoas.

expectativas em relação ao seu uso, pois a maioria dos alunos associa as aulas a algo desinteressante ou entediante. Assim, com essa mudança metodológica, aproveitaremos melhor essa expectativa positiva para atrair os alunos para assuntos do nosso planejamento pedagógico: “Na escola, o cinema se insere como potência de invenção, experiência intensificada de fruição estético/política em que a percepção da possibilidade de invenção de mundo é o fim em si” (MIGLIORIN & PIPANO, 2019, p. 39).

Ainda conforme citam os estudiosos, o primeiro aporte igualitário que o cinema tem a nos dar é a forma como ele é essencialmente um lugar habitável por um qualquer, tanto como espectador, como realizador.

De acordo com os teóricos Cesar Migliorin e Issac Pipano (2019) a democracia é o acontecimento que provoca o encontro não organizado de diversas inteligências, uma ação em si emancipatória.

Conforme a professora Ana Mae Barbosa, o desenvolvimento crítico dos alunos está relacionado não apenas a uma produção de qualidade, mas também ao entendimento dessa produção pelo público:

Com a atenção que a educação vem dando às novas tecnologias na sala de aula, torna-se necessário não só aprender a ensiná-las, inserindo-as na produção cultural dos alunos, mas também para a recepção, o entendimento e construção de valores das artes tecnologizadas, formando um público consciente. (BARBOSA, 2008, p.111).

A ideia da prática de cinema na escola apresentada neste texto pelos autores, não é ensinar algo que o aluno já saiba, mas que dentro de um processo coletivo os estudantes possam buscar uma condição de emancipação, como os e essa ideia é o ponto central da atividade.

A PEDAGOGIA DO CINEMA NA ESCOLA

Ao discorrer sobre pedagogia é preciso citar novamente o uso do método da Abordagem Triangular que está fundamentado em três eixos estruturantes e que podemos utilizar também para uma pedagogia de cinema. O primeiro eixo parte do apreciar a obra de arte, aqui no caso desta pesquisa assistir aos filmes e vídeos, criando um repertório pessoal para os estudantes; o segundo eixo é o fazer artístico, que é a produção fílmica pelos alunos; e, por último, o terceiro eixo que é a contextualização da produção: debater e pensar sobre o que se produziu. A Abordagem Triangular não estabelece o que o professor de arte deve fazer, pois trabalha a ideia de liberdade dentre os três eixos e que os professores podem encontrar diversas formas e métodos de abordagem dos conteúdos

e temas. A ideia é aproximar essa aula de cinema com o repertório pessoal de cada aluno, da forma como esse sujeito vê o mundo, buscando referências do que leu, assistiu, das músicas que ouve, dos gostos particulares, de como ele vive e, assim, compartilhar com outros estudantes e de forma coletiva, de modo a criar narrativas que representem essas realidades e por consequência ampliar o repertório pessoal de cada aluno.

De acordo com estudiosos: “Uma pedagogia do cinema, antes de estar relacionada a certos conteúdos, se constitui como forma de conhecer e compartilhar conhecimento”. (MIGLIORIM e PIPANO, 2019, p.91). Se correlacionarmos essa perspectiva à formação integral do indivíduo, como está proposto na BNCC, veremos que o conceito de pedagogia do cinema defendido por Migliorim está alinhado ao que está proposto nos parâmetros norteadores da educação básica brasileira, principalmente no que tange ao formar para o saber, para o saber fazer e para o saber ser.

Portanto o desenvolvimento de um senso crítico pelos alunos não está apenas relacionado a qualidade da produção dos filmes, mas principalmente pelo entendimento da mensagem passada ao público, contribuindo para a formação desses estudantes.

Conforme Bergala, em determinado momento da aula, o aluno assiste a filmes e a curta metragens, a ideia é que ele exercite suas capacidades criativas, analisando as cenas e sendo levado a se perguntar se o diretor poderia ter filmado as cenas ou sequências de outra forma; ou seja: a “análise de criação”.

O cinema é uma potente arma de consciência crítica, até mesmo diante dos inúmeros malefícios do uso indiscriminado da tecnologia tão criticados nas escolas.

Outra perspectiva de atuação desta proposta é retirar o celular de “vilão” da educação durante as aulas de cinema, propondo aos alunos uma utilização do aparelho que não seja uma mera distração, transformando-o em ferramenta pedagógica importante, provocando um debate sobre uma utilização consciente do aparelho celular.

A teoria e os conceitos do mestre educador Paulo Freire foram utilizados como método e proposta educacional alinhada ao cinema durante o percurso da pesquisa, na medida em que entendemos que a educação é um processo de conhecimento, onde busca a transformação dos alunos através de uma educação libertadora, onde o repertório pessoal dos alunos é primordial.

Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2019, p. 31).

Ensinar não é apenas transferir conhecimentos e durante a pesquisa procuramos desconstruir o conceito de “**educação bancária**”⁴, em que o professor apenas deposita o conhecimento no aluno, que recebe passivamente os ensinamentos.

O conceito de pedagogia da autonomia de Paulo Freire, utilizado com os alunos durante a pesquisa, parte da ideia de tirar o professor como centro do conhecimento e mostra esse processo de aprendizagem como uma construção coletiva, uma visão humanizada do processo de aprendizagem, onde considera o aluno, professor e sociedade partes importantes para o conhecimento, afinal professores e alunos são seres inacabados e devem buscar juntos a construção de um futuro melhor. O professor é um condutor e mediador do processo de aprendizagem.

A proposta pedagógica audiovisual dialoga e encontra a visão de Freire quando considera a alegria, a esperança como fundamentais para um aprendizado significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar os conceitos de Paulo Freire para a proposta de produção de curtas metragens autorais realizada pelos estudantes, não buscamos apenas tornar o aprendizado dos alunos acessível e rápido, mas utilizamos a linguagem audiovisual para que os alunos, nas palavras do próprio educador, possam “ler o mundo”.

Portanto, o cinema dentro da escola pública é importante na medida em que através dele proporcionamos aos estudantes uma apuração do seu repertório pessoal, despertando a consciência crítica do sujeito. Aprender sobre uma nova linguagem de expressão, realizar um curta metragem autoral, assistir às produções dos colegas, discutir, se posicionar e dividir as ideias com outros alunos é um processo fantástico de aprendizado. É o real protagonismo do aluno.

A escola, pensada tradicionalmente como transmissora de conhecimento através dos professores, sofre uma inversão e coloca o aluno como produtor do seu próprio conhecimento e de suas narrativas. O cinema é um multiplicador de experiências e proporciona o debate de temas do cotidiano dos alunos, sem intermediários, utilizando uma linguagem atual, funcional e que tem

⁴ Segundo Paulo Freire, a educação bancária é “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. Portanto, podemos dizer que a educação bancária privilegia a transmissão de conhecimento, sem se preocupar com a retenção deste.

relação direta com o protagonismo estudantil, valorizando a liberdade e a autonomia dos estudantes ao criar um discurso audiovisual proporcionado de forma lúdica.

A escola é reflexo da sociedade, que, não raras vezes, ignora o repertório cultural dos alunos, a partir de um discurso de representação baseado em posicionamentos elitistas, preconceituosos e desconectados da realidade de muitas comunidades escolares. É importante estabelecer uma conexão com a realidade dos alunos, promovendo uma alfabetização visual e, ao mesmo tempo promover uma construção coletiva com trocas de experiências entre os estudantes e entre professores e estudantes.

Assim, a instituição escola deixa, por um momento, sua estrutura hierarquizada, rígida de poder e detentora do conhecimento que, muitas vezes, é engessado, e se abre para um novo olhar que desperta nos alunos uma consciência de coletividade, através de uma atividade lúdica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/ Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema – Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink / CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação, Câmara de Educação Básica. **Resposta a consulta sobre elegibilidade para atuar no Componente ARTE-BNCC**. Brasília, 2019.

FERNANDES, A. H. O cinema e o audiovisual na educação: reflexões de pesquisas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, V. 8, Nº 16 - maio/agosto 2015. <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3959>

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MICHAUD, P. **Aby Warburg e as imagens em movimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MIGLIORIN, C.; PIPANO, I. **Cinema de brincar**. Belo Horizonte: Relicário edições, 2019.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.